

A Mandrágora
(Nicolau Maquiavel)

ADVERTÊNCIA

A canção para ser dita antes da comédia é posterior à própria comédia e foi escrita tão só para fornecer ocasião, no início do espetáculo, à exibição das artes de uma dançarina. Por isso mesmo, em nosso tempo, que dispensa esse tipo de divertimento suplementar, ela é normalmente suprimida nas representações da peça. No original, o Prólogo e as Canções para os finais dos atos são rimados. Para manter-se o mais fiel possível ao pensamento do autor, preferiu o tradutor recorrer ao verso branco, que lhe dava maior possibilidade de não afastar-se desse pensamento. Contudo, para o caso de uma eventual representação da obra, resolveu fazer também versões rimadas e, naturalmente, mais livres, quer do Prólogo, quer das canções depois dos atos; poderá o leitor encontrá-las no fim da comédia, imediatamente antes das notas (assinaladas com um asterisco) destinadas a ilustrar alguns pontos do diálogo.*

O tradutor

Personagens

Calímaco

Siro

Messer Nícia*

Ligúrio

Sóstrata

Frei Timóteo

Uma Mulher

Lucrecia

(A cena desenrola-se em Florença)

CANÇÃO *(Para ser dita antes da comédia, cantada conjuntamente por ninfas e pastores).*

Posto que a vida é breve
e muitas são as penas
que vivendo e lidando se padecem,
seguindo nossas ânsias
vamos passando e consumindo os anos,
pois do prazer privar-se,
p'ra viver em afãs e aflições,
é ignorar os enganos
do mundo ou por quais males
e estranhos casos sejam
tiranizados todos os mortais.
P'ra fugir desta angústia,
Erma existência em bosques escolhemos
E sempre em gáudio e festas
Vivemos, belos jovens, ledas ninfas.
Agora aqui viemos,
Com a nossa harmonia,
Só para honrarmos esta
Tão bela festa e alegre companhia.
Ainda aqui nos trouxe
a fama do senhor que vos governa,
cujo eterno semblante
acolhe em si todos os bens da terra.
Por tal supernal graça,
por tão feliz estado,
ufanar-vos podeis,
gozando, e agradecer quem vo-lo deu.

PRÓLOGO

Que Deus vos salve, ouvintes meus benignos, pois depender parece do agrado que eu vos der essa bondade. Se guardando silêncio vós seguides, conhecer podereis novo caso surgido nesta terra. Atentai no cenário, tal como se apresenta: esta é a nossa Florença (de outra feita será Roma ou Pisa); e a coisa é de se morrer de riso. Esta porta que fica à minha destra é a casa de um doutor, que aprendeu muitas leis lendo Boiécio*. Aquela rua que vedes lá na esquina é a Rua do Amor, onde quem cai não se levanta mais. Conhecereis depois, pelo traje de um frade, qual abade ou prior mora no templo que está posto em frente, se não fordes embora antes do tempo. Um mancebo, Calímaco Guadagni,* que chegou de Paris, mora acolá, naquela porta à esquerda. Entre os demais alegres companheiros traz ele claras marcas do primado no garbo e no donaire. Uma jovem prudente acendeu-o de amor e, por isto, enganada foi, tal como ouvireis; e eu desejara que enganadas como ela fôsseis vós. A comédia intitula-se A Mandrágora; por quê, isso dirá a representação, tenho certeza. Não desfruta

o autor de muita fama; se não rirdes, no entanto, aceitará pagar-vos um bom trago. Um amante infeliz, um doutor pouco astuto, um frade de má vida, um parasito fértil em malícia, hoje serão vosso passatempo.

Se julgais o assunto pouco digno, por leve em demasia, de quem pretende ser grave e sisudo, perdoai-o, por isso que se empenha, nesses vãos pensamentos, em mais brando tornar seu triste tempo, pois não pode voltar seu rosto a outra parte, vedado que lhe foi o talento mostrar noutras façanhas e obter o galardão de tais fadigas.

O galardão que espera é cada qual fazer chacota a um canto e maldizer de tudo o que ouve ou vê. Essa é, decerto, a causa pela qual de todo degenera das antigas virtudes nosso século; pois, imperando em tudo maledicência e crítica, ninguém se esforça ou anseia, com sacrifícios mil, por fazer obra que o vento leve ou o nevoeiro encubra.

Porém, se alguém julgasse, malsinando-o, fazer calar-se o autor, assustá-lo ou forçá-lo a retirar-se, previno-o de que ele também sabe criticar outrem, pois que esta foi a sua arte primeira, e que, onde quer que ecoe a itálica língua, a ninguém ele estima, ainda que o vejais fazer de servo a quem manto melhor que o dele traja.

As maldizer deixemos quem quiser. Vamos ao nosso caso, para não retardar demais a hora. Em conta não se levem as palavras nem se estime algum monstro, que não sabe, talvez, se ainda está vivo. Eis aí vir Calímaco e traz consigo Siro, seu servo. Ele dirá de que se trata. Ponde tento nele, que outro discurso não tereis, por ora.

ATO I CENA I

Calímaco e Siro

CALÍMACO – Não te vás, Siro. Quero falar-te.

SIRO – Cá estou.

CALÍMACO – Creio que te admiraste de minha repentina partida de Paris e que, agora, te admiras de estar eu aqui, já há um mês, sem fazer coisa alguma.

SIRO – É verdade.

CALÍMACO – Se, até hoje, não te disse o que vou te dizer, não foi porque não tivesse confiança em ti, senão, apenas, por julgar que as coisas que alguém quer que não se saibam, é conveniente que não as diga, a não ser forçado. Por isso, pensando, agora, que necessito do teu auxílio, quero contar-te tudo.

SIRO – Sou vosso criado e os criados não devem nunca perguntar coisa alguma aos patrões nem indagar a respeito do que fazem. Mas, quando eles mesmos falam, devem servi-los fielmente. Assim fiz até aqui e assim farei.

CALÍMACO – Bem sei. Creio que já me ouviste dizer mil vezes – mas não faz mal se o ouves mil e uma – que eu tinha doze anos, quando, após a morte de meu pai e minha mãe, fui mandado pelos meus tutores a Paris, onde permaneci durante vinte anos. E como, decorridos dez, começassem, com a invasão do rei Carlos, as guerras da Itália, que arruinaram o país, decidi estabelecer-me em Paris e nunca mais me repatriar, na idéia de que poderia viver por lá com mais segurança do que aqui.

SIRO – Sem dúvida.

CALÍMACO – Tendo, pois, encomendado que se vendessem aqui todos os meus bens, com exceção da casa, deliberei ficar na França, onde permaneci por mais dez anos venturosos...

SIRO – Bem sei.

CALÍMACO – ... Dedicando o meu tempo, em parte, aos estudos, em parte, aos prazeres e, em parte, ainda, aos negócios; e conduzindo-me de tal modo, em cada uma dessas coisas, que nenhuma delas me impedisse as outras. Por isso, como sabes, vivia eu despreocupado e em paz, procurando agradar a toda a gente e esforçando-me por não ofender ninguém, de modo que me pareceu ser pessoa benquista por todos, burgueses e fidalgos, estrangeiros e naturais, pobres e ricos.

SIRO – É a pura verdade.

CALÍMACO – Julgou a sorte, contudo, que eu levasse existência demasiado feliz; e, assim, fez que chegasse a Paris um tal Camilo Calfucci.

SIRO – Começo a adivinhar o vosso mal.

CALÍMACO – Esse, bem como outros florentinos, era, a miúdo, meu convidado; e, palestrando juntos, aconteceu um dia que viéssemos a disputar sobre onde fossem mais bonitas as mulheres, na Itália ou na França. Como eu não pude ajuizar das italianas, pois era ainda muito novo quando daqui parti, outro florentino, que estava presente, tomou o partido das francesas e Camilo, das italianas. Depois de muito argumentar de ambos os lados, Camilo, quase furioso, afirmou que, ainda que fossem monstros todas as mulheres da Itália, fora suficiente uma parenta sua para reabilitar-lhes a honra.

SIRO – Agora, já entendi o que quereis dizer.

CALÍMACO – E mencionou a senhora Lucrecia, esposa de messer Nícia Calfucci, de cuja beleza e virtudes teceu tamanhos louvores, que a todos nos deixou pasmados. Em mim, despertou ele tão intenso desejo de vê-la, que, pondo de lado qualquer outra ponderação e sem mais me preocupar com as guerras ou com a paz na Itália, iniciei logo a viagem para aqui, onde, ao chegar, verifiquei ser a fama da senhora Lucrecia muito inferior à verdade, o que raramente acontece, e me inflamei de tão grande desejo de possuí-la, que não tenho mais sossego.

SIRO – Se me houvésseis falado nisso em Paris, teria sabido como aconselhar-vos; agora, não sei o que vos digo.

CALÍMACO – Não te referi o caso por querer conselhos teus, mas, em parte, para desabafar e, também, a fim de que prepares o espírito para me auxiliar, se for preciso.

SIRO – Para isso, estou preparadíssimo. Mas que esperanças alimentais?

CALÍMACO – Nenhuma, ai de mim, ou muito poucas. Explico o porquê. Em primeiro lugar, hostiliza-me a sua própria natureza de mulher honestíssima e de todo alheia às

coisas do amor; depois, o estar casada com marido riquíssimo, que em tudo se deixa governar por ela e que, se não é jovem, também não é de todo velho, como parece; e, enfim, não Ter ela parentes ou vizinhos com os quais se reúna para algum sarau ou outro prazer em que se costumam deleitar-se os jovens. Trabalhadores de fora, nenhum freqüenta a sua casa; não tem criada ou servidor que não a tema; se modo que não há a possibilidade de recorrer-se a algum meio de corrupção.

SIRO – Que pensais fazer, então?

CALÍMACO – Não há nunca situação tão desesperada que não deixe algum caminho aberto para dela tirarmos esperança; e, ainda que esta seja débil e vã, o desejo e a vontade que tem o homem de levar a sua causa a bom termo, tal não a fazem parecer.

SIRO – Que vos faz esperar, enfim?

CALÍMACO – Duas coisas: uma é a ingenuidade de messer Nícia, que, embora sendo doutor, é o homem mais simplório e tolo de Florença; a outra é a vontade, que a ambos anima, de ter filhos. Estando ela casada a seis anos e não havendo ainda dado à luz nenhum, riquíssimos como são, é esse o seu mais ardente voto. Ainda haveria uma terceira: que sua mãe foi mulher de vida airada; porém é rica e não sei como deva conduzir-me com ela.

SIRO – Para conseguir o vosso fim, já tentastes, até aqui, alguma coisa?

CALÍMACO – Sim, mas não muito.

SIRO – Como?

CALÍMACO – Conheces Ligúrio, que repetidamente vem fazer suas refeições comigo. Já foi mediador de casamentos e, depois, deu para esmolar ceias e jantares. Sendo homem agradável, messer Nícia mantém com ele grande familiaridade, da qual Ligúrio tira bom proveito; e, se bem que não o leve a jantar em sua casa, empresta-lhe algum dinheiro. Tratei de captar-lhe a amizade, comuniquei-lhe o meu amor e ele prometeu auxiliar-me com todas a suas forças.

SIRO – Tomai cuidado com que não vos engane: esses papa-jantares não costumam cumprir a palavra.

CALÍMACO – É verdade. Contudo, quando alguma coisa convém a alguém, deve-se ter por certo, se dela lhe damos comunicação, que ele nos sirva fielmente. Prometi a Ligúrio, se tem êxito na empresa, boa quantia de dinheiro; e, se não conseguir nada, terá ele, quando muito, aproveitado alguma ceia ou jantar, que eu, de qualquer modo não tomaria sozinho.

SIRO – E que prometeu ele fazer até agora?

CALÍMACO – Prometeu persuadir messer Nícia a ir com a esposa aos banhos, neste mês de maio.

SIRO – E que vantagens tereis nisso?

CALÍMACO – Que vantagens? Talvez pudesse o sítio modificar a natureza dela, pois nessas bandas outra coisa não se faz senão folgar. Eu iria lá também, levando os meios para entregar-me a todos os prazeres que pudesse, e não pouparia munificência alguma. Acabarei tornando-me familiar dela e do marido. Sabe-se lá! Uma coisa gera outra e o tempo governa a todas.

SIRO – A idéia não me desagrada.

CALÍMACO – Ligúrio me deixou, hoje de manhã, dizendo que falaria no assunto com messer Nícia e me daria a resposta.

SIRO – Aí vêm eles juntos.

CALÍMACO – Quero apartar-me para falar com Ligúrio depois que ele deixar o doutor. Tu, nesse meio tempo, vai para casa, tratar da tua vida; e, se eu quiser que faças alguma coisa, te chamarei.

SIRO – Já vou.

CENA II

Messer Nícia e Ligúrio.

MESSER NÍCIA – Creio que os teus conselhos são bons e, ontem, falei deles com minha mulher. Prometeu que me responderia hoje. Mas, para dizer a verdade, não faço muito gosto na coisa.

LIGÚRIO – Por quê?

MESSER NÍCIA – Porquê não me afasto de casa de bom grado. Além disto, Ter de transportar esposa, criada e trastes, não é coisa que me quadre. E, por fim, falei, ontem à noite, com vários médicos. Um deles diz que devo ir aos banhos de São Felipe, outro, aos de Porretta, e outro, ainda, aos da Villa. Pareceram-me um bando de lorpas; e a verdade é que esses doutores em medicina não sabem o que fazem.

LIGÚRIO – Deve ser que vos preocupa o que dissestes antes, pois não estais acostumado a perder de vista a cúpula da nossa catedral.

MESSER NÍCIA – Estás muito enganado! Quando eu era mais jovem, corri muito o mundo. E nunca houve feira em Prato, que eu lá não fosse, nem há castelo nas redondezas, onde não tenha estado. Digo-te mais: estive, até, em Pisa e Livorno!

LIGÚRIO – Então, certamente, vistes a Torre empinada de Pisa.*

MESSER NÍCIA – Queres dizer: inclinada.

LIGÚRIO – Ah, sim! Pois é: inclinada. E, em Livorno, vistes o mar?

MESSER NÍCIA – É claro que vi!

LIGÚRIO – É muito maior do que o Arno?

MESSER NÍCIA – Qual Arno! É quatro vezes maior, mas de seis, mais de sete vezes, se queres saber; não se vê outra coisa, a não ser água, água e mais água.

LIGÚRIO – Admira-me, então, que sendo homem tão viajado, tenhais tamanha relutância em ir aos banhos.

MESSER NÍCIA – Falas como uma criança. Parece-te bagatela, Ter de desarrumar a casa inteira? Não obstante, tão grande é minha vontade de ter filhos, que estou disposto a fazer seja o que for. Mas fala tu um pouco com esses mestres e vêe aonde eles me aconselham a ir. Nesse meio tempo, irei ter com minha mulher e, depois, tornaremos a nos encontrar.

LIGÚRIO – Tendes razão.

CENA III

Ligúrio e Calímaco

LIGÚRIO – Não creio que haja no mundo papalvo maior do que este. E como o favoreceu a sorte! Ele rico, ele casado com uma mulher bonita, ajuizada, honesta e digna de governar um reino! Parece-me que raras vezes, no casamento, se verificou aquele provérbio que reza: Deus faz os homens e eles se juntam; pois é freqüente ver um homem de qualidade escolher uma besta e, vice-versa, uma mulher avisada Ter por marido um palerma. Da palermice deste, porém, um proveito pode tirar-se, e é que Calímaco tem motivos para alimentar esperanças. Mas eis que ele aí vem. De que andas à espreita, Calímaco?

CALÍMACO – Eu te vi com o doutor; e estava esperando que te separasses dele, para inteirar-me do que fizeste.

LIGÚRIO – Ele é o homem que bem sabes, de pouco juízo e ânimo ainda menor; e não tem muita vontade de deixar Florença. Ainda assim, consegui persuadi-lo à viagem e, no fim, me disse que fará o necessário. Penso, portanto, que, se esse expediente for do nosso agrado, o levaremos a adotá-lo. Mas não sei se nos convém.

CALÍMACO – Por quê?

LIGÚRIO – Sei lá! Não ignoras que a esses banhos vai gente de toda espécie. Poderia surgir por lá algum homem ao qual a senhora Lucrecia agradasse tanto quanto a ti, mas fosse mais rico e mais garboso do que tu; de modo que corremos o risco de trabalhar em benefício de outrem e que o número dos competidores torne mais difícil a nossa tarefa ou que, amansando, ela dê preferência a outro.

CALÍMACO – Reconheço que dizes a verdade. Mas que hei de fazer? Que partido vou tomar? Para onde devo voltar-me? Preciso tentar qualquer coisa, seja grande, seja perigosa, prejudicial ou infame. Antes morrer do que viver assim. Se pudesse dormir à noite, se pudesse alimentar-me, se pudesse conversar, se pudesse achar prazer nalguma coisa, teria mais paciência em esperar pelo tempo. Mas o caso não tem remédio. Se

alguma decisão não me alentar a esperança, é certo que morrerei; e, sabendo que devo morrer, nada me atemoriza mais e prefiro tomar qualquer decisão, ainda que absurda, cruel ou nefanda.

LIGÚRIO – Não fales assim, refreia esse impulso da tua alma.

CALÍMACO – Bem vêes que, para refreá-lo, afago estes pensamentos. Faz-se mister, porém, ou que continuemos a mandar o nosso homem aos banhos ou, então, que sigamos outro qualquer caminho que me dê alguma esperança senão verdadeira, ao menos enganosa, com a qual possa alentar um pensamento que abrande, em parte, a minha angústia.

LIGÚRIO – Tens razão e estou pronto a fazê-lo.

CALÍMACO – Acredito no que dizes, embora sabendo que os teus pares vivem de engabelar os outros. Não penso, contudo, em estar no rol das tuas vítimas, pois, se assim procedesses e eu o descobrisse, procuraria desferrar-me e perderias o uso da minha casa e a esperança de receberes o que te prometi para o futuro.

LIGÚRIO – Não duvides da minha palavra, porque, ainda que não existisse o proveito que sei e espero, há que o teu sangue condiz com o meu e que desejo que realizes esse teu anseio quase tanto quanto tu. Mas deixamos isso de lado. O doutor incumbiu-me de achar um médico, para saber a qual dos banhos lhe convenha ir. Quero que procedas a meu modo: que afirmes teres estudado medicina e praticado o ofício em Paris. Ele acreditará facilmente, por ser homem simplório e tu, letrado, capaz de dizer-lhe qualquer coisa em bom latim.

CALÍMACO – E para que nos servirá isso?

LIGÚRIO – Poderá servir-nos para mandá-lo àquele banho que mais nos apraza ou para tomarmos outro partido, no qual já pensei e que será mais rápido, certo e fácil de levar a bom termo do que os banhos.

CALÍMACO – Que me dizes, homem?

LIGÚRIO – Digo-te que, se tiveres ânimo e confiares em mim, considero o teu caso resolvido antes de amanhã a esta hora. E, ainda que ele fosse homem que não é, capaz de indagar se és realmente médico ou não, a escassez do tempo e a própria natureza do assunto farão com que não fale nele com ninguém ou que não chegue a tempo de estragar o nosso plano, se porventura vier a falar.

CALÍMACO – Tu me ressuscitas. Esta promessa é demasiado grande e me insufla uma esperança excessiva. De que modo procederás?

LIGÚRIO – Saberás o modo quando chegar o momento. Por enquanto, não é necessário que eu o explique, pois o tempo já é escasso para a ação, quanto mais para explicações. Vai para casa e espera-me por lá, enquanto eu irei ver o doutor. E, quando o levar a visitar-te, procura prestar atenção a tudo que eu disser, de modo a secundar-me.

CALÍMACO – Assim farei, ainda que me infundas uma esperança que receio se torne em fumo.

CANÇÃO (*após Ato I*)

Quem não provou, amor,
o teu grande poder, embalde espera
fazer fé verdadeira
de qual seja no céu a mor valia;
nem sabe o que é viver co'a morte n'alma,
seguir seu dano, abandonando o bem,
e como se ama alguém
mais que a si mesmo, e medo
e esp'rança os corações regela e rói,
e como tanto os homens como os deuses
temem a seta de que estás armado.

ATO II
CENA I

Ligúrio, messer Nícia e Siro

LIGÚRIO – Como já disse, penso que foi o céu que nos enviou esse homem, a fim de que se realize o vosso desejo. Ele fez longa prática em Paris e não vos deve espantar se, em Florença, não exerce a sua arte, que disto é causa, em primeiro lugar, ele ser rico e, em segundo lugar, dever, a qualquer momento regressar a Paris.

MESSER NÍCIA – Sim, meu amigo, mas isso é de muita importância; porque não gostaria de que ele me metesse nalguma enrascada e, depois me deixasse entalado.

LIGÚRIO – Quanto a isso, não tendes dúvidas. Deveis temer, apenas, que não queira cuidar do vosso caso; mas, se aceitar, não é homem para abandonar-vos enquanto não o leve a bom termo.

MESSER NÍCIA – Por esse lado da questão, quero fiar-me de ti; mas, quanto à ciência, assim que eu lhe falar, te direi se é homem de doutrina, porque a mim é que não impingirá gato por lebre!

LIGÚRIO – É, justamente, porque vos conheço, que vos levo a ele, para que possais falar-lhe. E, depois que lhe houverdes falado, se não vos parecer, pelo aspecto, doutrina linguagem, merecedor de toda a confiança, podereis dizer que eu não sou mais eu.

MESSER NÍCIA – Pois seja tudo como Deus quiser! Vamos. Onde mora ele?

LIGÚRIO – Nesta mesma praça, naquela porta que vedes à vossa frente.

MESSER NÍCIA – Vamos logo com isso. Bate.

LIGÚRIO – Pronto. Já bati.

SIRO – Quem é?

LIGÚRIO – Está em casa Calímaco?

SIRO – Está, sim, senhor.

MESSER NÍCIA – Porque não dizes: mestre Calímaco?

LIGÚRIO – Ele não dá importância a essas frioleiras.

MESSER NÍCIA – Não fales assim. Cumpre o teu dever e, se ele levar a mal, que se dane!

CENA II

Calímaco, messer Nícia e Ligúrio

CALÍMACO – Quem me procura?

MESSER NÍCIA – Bona dies, domine magister.

CALÍMACO – Et vobis bona, domine doctor.

LIGÚRIO – Que tal vos parece?

MESSER NÍCIA – Ótimo, com a breca!

LIGÚRIO – Mas, se quereis que eu fique aqui convosco, falai de modo que vos entenda. Senão, eu é que estarei perdendo o meu latim.

CALÍMACO – Que boa novas vos trazem aqui?

MESSER NÍCIA – Sai lá! Ando à procura de duas coisas, das quais outrem talvez fugisse: isto é, apoquentar a mim e aos outros. Não tenho filhos e desejaria tê-los; e por essa tribulação, venho importunar-vos.

CALÍMACO – Nunca hei de achar incômodo ser-vos útil e a todos os homens sábios e de bem como vós. Não fatiguei tantos anos estudando em Paris, senão para servir os vossos pares.

MESSER NÍCIA – Fico-vos muito grato; e se, algum dia, tiverdes necessidade de minha arte, com prazer vos servirei. Mas voltemos ad rem nostram. Já pensastes qual os banhos seja o melhor para dispor minha mulher a ficar prenha? Pois sei que o nosso Ligúrio já vos disse tudo o que devia.

CALÍMACO – É verdade. Mas, querendo satisfazer o vosso desejo, faz-se mister conhecermos a causa da esterilidade da vossa esposa, pois pode haver várias causas. Nam causae sterilitatis sunt: aut in semine, aut in matrice, aut in instrumentis seminariis, aut in virga, aut in causa extrinseca.

MESSER NÍCIA – Esse é o homem mais digno que possa encontrar-se!

CALÍMACO – Poderia a esterilidade, ademais, originar-se de vós, por impotência. Quando assim fosse, não haveria nenhum remédio.

MESSER NÍCIA – Impotente, eu? Quereis fazer-me rir! Não creio que haja em Florença homem mais verde e rijo do que eu.

CALÍMACO – Sendo assim, alegrai-vos, que haveremos de encontrar remédio ao caso.

MESSER NÍCIA – Não haveria outro remédio que não fossem os banhos? Porque eu gostaria de poupar-me esse estorvo e minha mulher não deixaria Florença de bom grado.

LIGÚRIO – Decerto que haverá! A isso quero responder eu mesmo. Calímaco é tão escrupuloso que, até, exagera. Não me dissestes que sabeis receitar certos cozimentos, que fazem emprenhar com toda certeza?

CALÍMACO – Disse, sim. Mas costumo ser reservado com as pessoas que não conheço, porque não quero que me julguem algum charlatão.

MESSER NÍCIA – Não duvideis de mim. Causaste-me tamanha admiração, que não há coisa que não acreditasse ou fizesse, se indicada por vós.

LIGÚRIO – Penso ser necessário que examineis as urinas.

CALÍMACO – Isso, sem dúvida, não pode dispensar-se.

LIGÚRIO – Chama Siro, que vá logo busca-las em casa do doutor e volte aqui, depois; nós esperaremos por ele em casa.

CALÍMACO – Vai com ele, Siro. E, se for do vosso agrado, messere, voltaí aqui em seguida; então, pensaremos no que se deva fazer.

MESSER NÍCIA – Como, se for do meu agrado? Voltarei aqui imediatamente, pois tenho mais fé em vós do que os húngaros em suas espadas.

CENA III

Messer Nícia e Siro

MESSER NÍCIA – Esse teu amo é, realmente, um homem de valor.

SIRO – Mais do que pensais.

MESSER NÍCIA – O rei da França deve tê-lo em grande conta.

SIRO – Grandíssima.

MESSER NÍCIA – Por esse motivo, deve ele viver de bom grado na França.

SIRO – É o que penso.

MESSER NÍCIA – E faz muito bem. Aqui, em nossa terra, só há mãos atadas e não se aprecia virtude alguma. Se estivesse aqui, ninguém olharia para ele. Eu bem posso avaliá-lo, que caguei as tripas para aprender dois dedos de latim. E, se tivesse de viver somente disso, estaria bem arranjado, podes te certeza!

SIRO – Ganhais cem ducados ao ano?

MESSER NÍCIA – Nem cem liras nem cem “grossos”*, ai de mim! A verdade é que, nesta terra, quem não tem qualquer coisa de seu, entre os nossos pares, não encontra um cão que se digne a lançar-lhe um olhar: não servimos para nada, a não ser ir a enterros ou casórios ou, então, ficarmos o dia todo sentados, de mãos abanando, no banco do Procônsul. Mas eu não lhes ligo importância; não preciso de ninguém e assim estivesse quem está pior do que eu! Mas não desejaria que isso viesse a saber-se, porque, então, me imporiam algum tributo e eu teria sarna para me coçar.

SIRO – Não tenhais medo.

MESSER NÍCIA – Chegamos a minha casa. Espera-me aqui; volto já.

CENA IV

SIRO – Se os outros doutores fossem como este, que grande patuscada seria o mundo! A verdade é que esse malvado de Ligúrio e o tresloucado do meu patrão o levam para algum caminho que o cobrirá de vergonha. E, realmente, eu gostaria de que tal lhe acontecesse, se tivesse a certeza de que ninguém o virá a saber, porque, vindo-se a saber, corro perigo pela minha vida, e o meu patrão, pela vida e pelos bens. Não é que, agora, já se tornou médico! Não sei qual seja o plano deles e para onde conduza o embuste. Mas aí está o doutor, trazendo um urinol na mão. Quem não haveria de rir-se de semelhante parvo?

CENA V

Messer Nícia e Siro

MESSER NÍCIA – Até aqui, fiz tudo como tu quiseste. Agora, quero que faças a modo meu. Se soubesse que não iria ter filhos, teria preferido casar-me com uma camponesa!* Estás aí, Siro? Acompanha-me. Quanto me custou conseguir que a tola da minha mulher me desse esta urina! E não é que ela não deseje ter filhos, pois até de preocupa mais com isto do que eu. Mas, toda vez que lhe peço para fazer alguma coisa, por menor que seja, é o diabo!

SIRO – Tende paciência; é com boas palavras que se costuma levar as mulheres para onde queremos.

MESSER NÍCIA – Qual boas palavras, qual nada! Ela já me aborreceu bastante. Vai depressa e diz ao mestre e a Ligúrio que estou aqui.

SIRO – Aí vem eles, saindo de casa.

CENA V

Ligúrio, Calímaco e messer Nícia

LIGÚRIO – Persuadir o doutor, será empresa fácil. A dificuldade a encontraremos na mulher. Mas para isso, também não nos faltarão expedientes.

CALÍMACO – Trouxestes a urina?

MESSER NÍCIA – Siro a tem, ali embaixo.

CALÍMACO – Dá cá. Oh! Esta urina denota fraqueza dos rins.

MESSER NÍCIA – Realmente, parece-me um pouco turva. Contudo, é fresquíssima: acabou de fazê-la.

CALÍMACO – Não há de que admirar-se. Nam mulieris urinae sunt semper majoris grossitiei et albedinis, et minoris pulchritudinis, quam virorum. Ayus autem, inter caetera, causa est amplitudo canalium, mixtio eorum quae ex matrice exceunt com urina.

MESSER NÍCIA – Oh! Uh! Cona de São Púcio! Encheu-me as medidas, sim, senhor! Como raciocina bem sobre essas coisas!

CALÍMACO – Receio que, de noite, ela esteja mal coberta; daí produzir urina crua.

MESSER NÍCIA – No entanto, dorme com um bom cobertor por cima. Mas é que fica quatro horas de joelhos, enfiando padre-nossos, antes de ir para a cama. É um verdadeiro animal, para apanhar frio!

CALÍMACO – Enfim, doutor, ou tendes confiança em mim ou não tendes; e eu devo indicar-vos um remédio certo ou não. No que me diz respeito, não vos negarei o remédio. Se tiverdes fé em mim, o usareis e, se dentro de um ano, vossa esposa não estiver com um filho ao colo, quero ter de pagar-vos dois mil ducados.

MESSER NÍCIA – Falai livremente, pois estou pronto para obedecer-vos em tudo e acreditar mais em vós que no meu próprio confessor.

CALÍMACO – Deveis capacitar-vos de que não há nada mais certo, para emprenhar uma mulher, do que fazer-lhe beber uma poção de mandrágora. É coisa que já experimentei mais de uma vez e sempre verifiquei que não falha. Se assim não fosse, a rainha da França seria estéril e, como ela, numerosas outras princesas daquele país.

MESSER NÍCIA – Será possível?

CALÍMACO – É o que vos digo. No caso, a sorte foi tão benigna, que calhou trazer e comigo todos os ingredientes que entram na poção, de modo que podereis tê-la quando vos aprouver.

MESSER NÍCIA – Quando deveria ela tomá-la?

CALÍMACO – Hoje a noite, após a ceia, pois a lua se apresenta favorável e o tempo não poderia ser mais apropriado.

MESSER NÍCIA – Não será questão de monta. Preparai-a, em todo o caso, e eu farei com que ela a tome.

CALÍMACO – É preciso, agora, atentar bem nisto: que o primeiro homem que tiver relações com ela, depois de ela tomar a poção, morrerá dentro de oito dias e não há nada neste mundo que possa salvá-lo.

MESSER NÍCIA – Maus raios me partam! Não quero saber dessa zurapa. A mim é que não vais impingi-la. Bonito serviço me fizestes!

CALÍMACO – Tranqüilizai-vos, que isso, também, pode remediar-se.

MESSER NÍCIA – De que modo?

CALÍMACO – Fazei logo dormir com ela outra pessoa, que, possuindo-a por uma noite, puxe para si toda a infecção da mandrágora. Depois, podereis novamente ter relações com ela, sem o menor perigo.

MESSER NÍCIA – Isso é que eu não farei.

CALÍMACO – Por quê?

MESSER NÍCIA – Porque não quero mudar minha mulher em fêmea e a mim em cabrão.

CALÍMACO – Que dizeis doutor? Oh, vejo que não sois tão sábio quanto julguei. Com que, então, tendes dúvidas em fazer o que fez o rei da França e muitos outros fidalgos que há por lá?

MESSER NÍCIA – Mas quem quereis que eu encontre, que se sujeite a semelhante loucura? Se eu lhe disser de que se trata não haverá de querer; em se não lhe disser nada, estarei enganando-o traiçoeiramente, e será um caso para a Junta dos Oito;* e não quero cair debaixo das suas garras.

CALÍMACO – Se é apenas isso que vos preocupa, deixai por minha conta.

MESSER NÍCIA – Como se há de fazer?

CALÍMACO – Vou dizer-lo. Eu vos entregarei a poção hoje a noite, logo depois da ceia. Vós fareis com que vossa esposa a beba e vá, em seguida, para a cama, que sejam cerca de quatro horas da noite.* Depois, nos disfarçaremos, eu, vós, Ligúrio e Siro, e iremos percorrer o Mercado Novo, o Mercado Velho e outros lugares do gênero. O primeiro malandro que encontrarmos vadiando, lhe poremos uma mordaca e, à força de pancadas, o levaremos para a vossa casa e, no escuro, para o vosso quarto. Depois, o meteremos na cama, dizendo-lhe o que deverá fazer; e é certo, então, que não haverá mais dificuldades. Depois, pela manhã, mandareis o homem embora antes que o dia

desponte, direis à vossa esposa que se lave e ficareis deitado com ela quanto vos agradar, sem qualquer perigo.

MESSER NÍCIA – Está bem, já que me dizes que reis, príncipes e fidalgos procederam desse modo; mas, principalmente, que não se venha a saber, por amor dos Oito!

CALÍMACO – E quem quereis que vá contar-lhes o que houve?

MESSER NÍCIA – Ainda nos resta um trabalho, e de muita importância.

CALÍMACO – Qual é?

MESSER NÍCIA – Convencer minha mulher, pois não creio que ela jamais se decidirá a fazer isso.

CALÍMACO – Tendes razão. Mas eu não desejaria estar casado, se não soubesse decidir minha mulher a obedecer-me.

LIGÚRIO – Já achei o remédio.

MESSER NÍCIA – De que modo procederemos, então?

LIGÚRIO – Por intermédio do confessor.

CALÍMACO – E quem convencerá o confessor?

LIGÚRIO – Eu, tu, o dinheiro, a nossa maldade e a deles.

MESSER NÍCIA – Receio, porém, se for eu quem a mandar, que ela não quererá ir falar com o confessor.

LIGÚRIO – Também para isso há remédio.

CALÍMACO – Fala!

LIGÚRIO – É fazer com que sua mãe a leve lá.

MESSER NÍCIA – Sim, à mãe ela dá ouvidos.

LIGÚRIO – E eu sei que sua mãe é da nossa mesma opinião. Vamos, não percamos mais tempo, que já entardece. Vai passear, Calímaco, e faze com que às duas horas te encontremos em casa, com a poção já preparada. Eu e o doutor iremos à casa de sua mãe, para dispô-la a secundar-nos, pois é minha conhecida. Depois, iremos visitar o frade e vos inteiraremos de tudo que tivermos combinado.

CALÍMACO – Pelo amor de Deus, não me deixes só!

LIGÚRIO – Eu diria que estás enfeitiçado.

CALÍMACO – Aonde queres que eu vá, a estas horas?

LIGÚRIO – Aqui, acolá, numa rua, noutra. É tão grande Florença!

CALÍMACO – Eu ainda morro hoje!

CANÇÃO (*após o Ato II*)

Como seja feliz, cada qual vê,
Quem nasce tolo e em tudo crê e confia!
Ambição não o oprime
nem o move o temor,
que soem ser semente
de dor e de tristeza.
Esse vosso doutor,
sequioso de ter filhos,
creria que os burros voam;
e, qualquer outro bem pondo em olvido,
seus anseios somente neste aviva.

ATO III **CENA I**

Sóstrata, messer Nícia e Ligúrio

SÓSTRATA – Sempre ouvi dizer que é dever do homem prudente escolher, dentre as más resoluções, a melhor. Se, para ter filhos, não vos resta outro recurso, deve-se adotar esse, para não agravar a consciência.

MESSER NÍCIA – Assim, é.

LIGÚRIO – Ireis ver vossa filha, enquanto eu e o doutor visitaremos frei Timóteo, seu confessor, e lhe contaremos o caso, para que vós não necessiteis de referi-lo. Vós mesmas, depois, ouvireis o que ele dirá.

SÓSTRATA – Assim se fará. O vosso caminho é nessa direção. Eu vou ter com Lucrécia e a levarei a falar com o frade, seja lá como for.

CENA II

Messer Nícia e Ligúrio

MESSER NÍCIA – Talvez te admires, Ligúrio, de que seja preciso urdir tantas tramas, para convencer minha mulher; mas se soubesses tudo, não te admirarias.

LIGÚRIO – Penso que assim acontece, porque todas as mulheres são desconfiadas.

MESSER NÍCIA – Não é nada disso. Ela era a mais suave criatura deste mundo e a mais dócil; mas, tendo-lhe dito uma vizinha que emprenharia, se fizesse a promessa de ouvir, durante quarenta manhãs, a primeira missa na igreja dos Servitas, fez a promessa e lá foi, talvez umas vinte manhãs. Aconteceu que um daqueles fradinhos começou a andar-lhe à roda; de tal modo que ela não quis mais voltar lá. É uma desgraça,

realmente, que aqueles que deveriam nos dar o bom exemplo sejam assim. Não é verdade?

LIGÚRIO – Se é verdade, com mil diabos!

MESSER NÍCIA – Desde esse dia, ela tem a pulga no ouvido; e, mal se lhe diz uma coisa, cria mil dificuldades.

LIGÚRIO – Agora, já não me admiro de nada. Mas como se cumpriu a promessa?

MESSER NÍCIA – Obteve dispensa.

LIGÚRIO – Muito bem. Se os tendes, porém, dai-me vinte e cinco ducados; porque em casos como este, é preciso gastar e captar depressa a amizade do frade, deixando-lhe a esperança de recompensa ainda melhor.

MESSER NÍCIA – Toma, isso não me apoquento. Pouparei noutras coisas.

LIGÚRIO – Esses frades são ladinos, astutos, o que se explica, pois conhecem os nossos pecados e os deles mesmos; e, quem não os pratica, poderia enganar-se e não saber conduzi-los aonde lhe convém. Eu não desejaria, portanto, que vós, ao falar, estragásseis tudo, porque um homem do vosso feitio, que consome o dia inteiro no estudo, entende de seus livros, mas não sabe pesar bem as coisas deste mundo. (Este doutor é tão tolo, que receio não deite tudo a perder.)

MESSER NÍCIA – Dize-me o que queres que eu faça.

LIGÚRIO – Quero que me deixes falar com ele, sozinho, e que não faleis nunca, senão quando eu vos fizer um sinal.

MESSER NÍCIA – Está bem. Que sinal me farás?

LIGÚRIO – Piscarei um olho, morderei o lábio. Não! Procedamos de outro modo. Há quanto tempo não falais com o frade?

MESSER NÍCIA – Faz mais de dez anos.

LIGÚRIO – Ótimo. Eu lhe direi que ensurdeceste; e vós não respondereis nem direis coisa alguma, se não falarmos alto.

MESSER NÍCIA – Assim farei.

LIGÚRIO – Não vos apoquento se eu disser alguma coisa que vos pareça desconforme ao que queremos, pois tudo reverterá em nosso proveito.

MESSER NÍCIA – Deus queira.

LIGÚRIO – Mas vejo o frade falando com uma mulher. Esperemos até que a tenha despachado.

CENA III

Frei Timóteo e uma mulher

FREI TIMÓTEO – Se quiserdes confessar-vos, farei o que desejas.

MULHER – Por hoje, não; estão à minha espera e me é suficiente ter desabafado um pouco, assim, em pé. Dissestes aquelas missas de Nossa Senhora?

FREI TIMÓTEO – Disse, sim, senhora.

MULHER – Tomai, agora, este florim: celebrareis todas as segundas-feiras, durante dois meses, a missa dos mortos pela alma do meu marido. Se bem que fosse um grande malvado, a carne é fraca; e não posso impedir que a minha se excite quando me lembro dele. Mas julgais deveras que esteja no purgatório?

FREI TIMÓTEO – Sem dúvida!

MULHER – Eu é que não sei ou certo. Bem sabeis o que ele, às vezes, me fazia. Oh, quanto me queixei disso convosco! Eu afastava o corpo, tanto quanto podia; mas ele era tão insistente, meu Deus do céu!

FREI TIMÓTEO – Não duvideis, a clemência de Deus é grande; e, se ao homem não faltar vontade, nunca lhe faltará, tampouco, o tempo para se arrepender.

MULHER – Achais que os turcos, este ano, invadirão a Itália?

FREI TIMÓTEO – Sim, se não fizerdes oração.

MULHER – Credo! Deus nos acuda contra essas invenções do diabo! Tenho muito medo da tal empalação. Mas vejo, aqui na igreja, uma mulher com um tecido meu; preciso falar com ela. Muito bom dia padre!

FREI TIMÓTEO – Ide em paz!

CENA IV

Frei Timóteo, Ligúrio e Messer Nícia

FREI TIMÓTEO – Não há pessoas mais caridosas do que as mulheres nem mais enfadonhas. Quem as enxota, evita os aborrecimentos e o proveito; quem lhes dá trela, tem, do mesmo passo. Proveito e aborrecimentos. A verdade é que não há mel sem moscas. Que andais fazendo, homens de bem? Não é messer Nícia quem vejo aí

LIGÚRIO – Falai em voz alta, pois ensurdeceu de tal modo, que não ouve mais nada.

FREI TIMÓTEO – Sede bem-vindo, messere!

LIGÚRIO – Mais alto!

FREI TIMÓTEO – Sede bem-vindo!

MESSER NÍCIA – Obrigado, padre!

FREI TIMÓTEO – Que andais fazendo por aqui?

MESSER NÍCIA – Todos bem, obrigado.

LIGÚRIO – Falai comigo, padre, pois, se quisésseis ser ouvido por ele, deveríeis pôr em alarma a praça inteira.

FREI TIMÓTEO – Que desejais de mim?

LIGÚRIO – O aqui presente messer Nícia e mais outro homem de bem, cujo nome sabereis mais tarde, querem mandar distribuir em esmolas várias centenas de ducados.

MESSER NÍCIA – Pelas tripas de Judas!

LIGÚRIO – (Calai-vos, com a breca, que não serão muitos.) Não vos espante, padre, com o que ele possa dizer, pois não ouve e parecendo-lhe, às vezes, ouvir, responde fora de propósito.

FREI TIMÓTEO – Continua e deixa-o falar o que bem entenda.

LIGÚRIO – Trouxe comigo uma parte desse dinheiro; e eles formaram tenção de que sejais vós quem deverá distribuí-lo.

FREI TIMÓTEO – Com muito prazer.

LIGÚRIO – Mas é preciso, antes de fazer-se a esmola, que nos auxiliéis num caso estranho, que aconteceu ao doutor; e somente vós podeis dar-lhe ajuda, sendo ocorrência que põe em risco a honra da sua casa.

FREI TIMÓTEO – De que se trata?

LIGÚRIO – Não sei se conheceis Camilo Calfucci, sobrinho de messer Nícia.

FREI TIMÓTEO – Sim, conheço-o.

LIGÚRIO – Esse Camilo, por certos negócios seus, foi para a França, há um ano; e, não tendo esposa, que lhe morreu, confiou uma filha casadoira à guarda de um mosteiro, cujo nome, agora não vem ao caso.

FREI TIMÓTEO – E que se seguiu daí?

LIGÚRIO – Seguiu-se que, por negligência das monjas ou leviandade da moça, esta encontra-se grávida de quatro meses; de modo que, se não se reparar o mal com prudência, o doutor, as monjas, Camilo e a casa dos Calfucci padecerão de grave desdouro. O doutor teme tanto essa vergonha, que fez promessa, se ela não se tornar pública, de dar trezentos ducados pelo amor de Deus.

MESSER NÍCIA – Que diabo de conversa é essa?

LIGÚRIO – Quietos, por favor! Entende dá-los por vossas mãos; pois somente de vós e da abadessa pode vir o remédio.

FREI TIMÓTEO – De que maneira?

LIGÚRIO – Persuadindo vós a abadessa a dar à moça uma poção que a faça abortar.

FREI TIMÓTEO – É um assunto que requer reflexão.

LIGÚRIO – Vede, em assim procedendo, quantos bens advirão daí: preservareis a honra do mosteiro, da moça, dos parentes, devolveis ao pai uma filha, satisfazeis messer Nícia e toda sua parentela e dais tantas esmolas quantas podem distribuir-se com esses trezentos ducados. Por outro lado, não ofendeis senão um pedaço de carne, que ainda não nasceu, que não tem sexo e que, de mil maneiras, poderia perder-se. Creio que seja bem aquilo que favorece as mais das pessoas e de que se regozije o maior número delas.

FREI TIMÓTEO – Seja tudo em nome de Deus. Faça-se o que desejais e, por amor a Deus e à caridade, não se deixe nada por fazer. Dizei-me qual é o mosteiro, dai-me a poção e, se não vos desagrade, também esse dinheiro, com que eu possa começar a praticar algum bem.

LIGÚRIO – Agora, pareceis-me realmente aquele religioso que sempre vos julguei. Tomai este dinheiro à conta. O mosteiro é... Esperai um momento. Está ali, na igreja, uma mulher fazendo-me um sinal. Volto já. Não vos afasteis de messer Nícia. Vou saber o que ela quer de mim.

CENA V

Frei Timóteo e messer Nícia

FREI TIMÓTEO – Essa moça, que idade tem?

MESSER NÍCIA – Estou assombrado.

FREI TIMÓTEO – Perguntei que idade tem a moça.

MESSER NÍCIA – O diabo que o carregue!

FREI TIMÓTEO – Por quê?

MESSER NÍCIA – Para que fique com ele!

FREI TIMÓTEO – Estou bem arranjado. Tenho de lidar com um louco e com um surdo. Um deles foge e o outro não ouve. Mas se estas não são rodela,* hei de sair-me melhor do que eles! Eis Ligúrio que volta para cá.

CENA V

Ligúrio, frei Timóteo e messer Nícia

LIGÚRIO – Por favor, ficai quieto, messere. Oh, padre! Trago uma grande nova.

FREI TIMÓTEO – Qual é?

LIGÚRIO – A mulher com quem falei disse-me que a moça abortou sozinha.

FREI TIMÓTEO – Muito bem; a esmola será distribuída.

LIGÚRIO – Que dizeis?

FREI TIMÓTEO – Digo que, com maior razão, devereis dar a esmola.

LIGÚRIO – A esmola se dará, se quiserdes; mas é preciso que façais outra coisa em benefício do doutor.

FREI TIMÓTEO – De que se trata?

LIGÚRIO – Coisa de menor monta e de menor escândalo, mais grata a nós, mais útil a vós.

FREI TIMÓTEO – Falai. Estou convosco em tão bons termos e parece-me havermos contraído tamanha intimidade, que não há nada que eu não faria por vós.

LIGÚRIO – Vou dizer-vos tudo na igreja, a sós. O doutor tenha bondade de esperar aqui. Voltamos já.

MESSER NÍCIA – Sim, por mal dos meus pecados!*

FREI TIMÓTEO – Vamos.

CENA VII

MESSER NÍCIA – É dia ou noite? Estou acordado ou sonhando? Acaso estarei bêbedo, se bem que hoje nada bebesse, para deixar-me embalar em tais cantigas? Ficamos de dizer uma coisa ao frade, e ele diz outra. Depois, quis que me fizesse de surdo e fora mister que eu pusesse breu nos ouvidos, como o Dinamarquês,* para não ter de ouvir os disparates que disseram, só Deus sabe com que propósito! Estou vinte e cinco ducados a menos, do que interessa ainda não se falou e, agora, largaram-me aqui em pá, como um palerma. Mas aí estão de volta. Ai deles se não cuidaram do meu caso!

CENA VIII

Frei Timóteo, Ligúrio e messer Nícia

FREI TIMÓTEO – Mandai vir as mulheres. Sei o que devo fazer; e, se minha autoridade tiver algum valor, hoje à noite concluiremos o casório.

LIGÚRIO – Messer Nícia, frei Timóteo está disposto a fazer tudo. Cumpre prover para que as mulheres venham.

MESSER NÍCIA – Devolves-me a vida. Achas que será varão?

LIGÚRIO – Vosso filho? Varão, sem dúvida.

MESSER NÍCIA – Eu já choro de ternura

FREI TIMÓTEO – Entrai na igreja e eu esperarei aqui pelas mulheres. Ficai em lugar onde elas não vos vejam; e, depois que partirem, sereis inteirados do que disseram.

CENA IX

Frei Timóteo, sozinho

FREI TIMÓTEO – Não sei quem, de nós dois, empulhou o outro. Esse malvado de Ligúrio veio aqui, com aquela primeira nova, para tentar-me, a fim de que, se eu consentisse nela, mais facilmente me induzisse a outra, e, se não consentia, não me diriam a outra, para não traírem seus planos sem proveito, pois da falsa não cuidavam. É verdade que eu caí na esparrela; mas esse logro me traz vantagens. Messer Nícia e Calímaco são ricos e de cada um deles, por diferentes razões, poderei tirar bom proveito. Convém que a coisa fique em segredo, que isto tanto interessa a eles quanto a mim. Seja lá como for, não me arrependo. É certo que receio não surja alguma dificuldade, pois a senhora Lucrécia é avisada e honesta; mas eu me pegarei à sua bondade. Cachola de mulher tem pouco miolo; e, quando uma delas sabe dizer duas palavras, logo anda nas bocas do mundo, pois em terras de cegos quem tem um olho é rei. Mas ei-la que vem com a mãe, que é um verdadeiro animal e me será de grande auxílio para dobrá-la à minha vontade.

CENA X

Sóstrata e Lucrécia

SÓSTRATA – Penso que estás persuadida, minha filha, se que prezo tua honra mais do que ninguém neste mundo e de que não te aconselharia coisa que fosse desconveniente. Disse e repito que, se frei Timóteo afirmar que não há encargo de consciência, deverás fazê-lo sem nenhuma preocupação.

LUCRÉCIA – Sempre receei que a vontade de Ter filhos, que anima messer Nícia, nos fizesse cometer algum erro; por isso, toda vez que ele me falou nalguma coisa, fiquei temerosa e em grande apreensão, mormente depois que me aconteceu aquilo que sabeis, por Ter ido à missa dos Servitas. Mas, de tudo o que até aqui se tentou, isto de submeter o meu corpo a vitupério e ser causa de que um homem morra para ultrajar-me, parece-me o mais estranho. Pois não creio que, se ficasse sozinha no mundo e de mim dependesse o renascer da espécie humana, eu me acomodaria a tomar tal partido.

SÓSTRATA – Mão sei dizer-te nada, minha filha. Falarás com o frade, ouvirás o que ele dirá e farás, depois, o que te aconselharem ele e os que te querem bem.

LUCRÉCIA – Estou suando de emoção.

CENA XI

Frei Timóteo, Lucrecia e Sóstrata

FREI TIMÓTEO – Sede bem-vindas! Sei o que desejais ouvir de mim, porque messer Nícia já me falou. E, na verdade, consultei os livros, estudando a questão, durante mais de duas horas; e, após longas pesquisas, encontrei muita coisa que, no particular e no geral, se ajusta ao nosso caso.

LUCRÉCIA – Falais a sério, padre, ou gracejais?

FREI TIMÓTEO – Oh, senhora Lucrecia! Então esse é assunto com o qual se graceje? Acaso, me conheceis somente desde agora?

LUCRÉCIA – Não, padre; mas esta me parece a coisa mais estranha que jamais ouvi.

FREI TIMÓTEO – Acredito-vos, senhora, mas não quero que digais mais isso. Há muitas coisas que, de longe, parecem terríveis, inadmissíveis, estranhas; mas, quando delas nos acercamos, revelam-se humanas, aceitáveis, corriqueiras. Por isto se diz serem os sustos maiores que os males, e este é um dos exemplos.

LUCRÉCIA – Deus o queira!

FREI TIMÓTEO – Desejo voltar ao que vos dizia ainda há pouco. Quanto à consciência, deveis adotar este princípio geral, de que, onde há um bem certo e um mal incerto, nunca se deve deixar esse bem por medo daquele mal. Aqui, temos um bem certo: que vós concebereis e conquistareis uma alma para Deus Nosso Senhor. O mal incerto é que aquele que se deite convosco, após a poção, venha a morrer. Mas há também os que não morrem. Sendo, porém, a coisa duvidosa, é bom que messer Nícia não corra esse perigo. Quanto ao ato, que seja pecado, é uma léria, porque a vontade é quem peca, e não o corpo; e a causa do pecado seria descontentar o marido, e vós o contentais; seria ter prazer nele, e vós provais desgosto. Além disso, deve-se, em todas as coisas, considerar o fim; o vosso é preencher uma vaga no paraíso, satisfazendo vosso marido. Diz a Bíblia que as filhas de Lot, julgando que tivessem ficado sós no mundo, se uniram com o pai; e, porque sua intenção foi boa, não pecaram.

LUCRÉCIA – De que intentais persuadir-me?

SÓSTRATA – Persuade-te à submissão, minha filha. Não vês que uma mulher sem filhos é uma mulher sem lar? Morre-lhe o marido e fica como um bicho, abandonada por todos.

FREI TIMÓTEO – Eu vos juro, senhora, por este peito sagrado, que há tanto caso de consciência em obedecer à vontade de vosso marido, neste assunto, quanto em comer carne às quartas-feiras, que é pecado que se vai com água benta.

LUCRÉCIA – Aonde me conduzis, padre?

FREI TIMÓTEO – Conduzo-vos a coisas pelas quais tereis sempre motivo de rezar a Deus por mim; e mais satisfeita estareis daqui a um ano, do que agora.

SÓSTRATA – Ela fará o que quiserdes. Hoje à noite, eu mesma vou pô-la na cama. De que tens medo, toleirona? Há não sei quantas mulheres, neste mundo, que ergueriam as mãos ao céu no teu lugar.

LUCRÉCIA – Farei a vossa vontade. Mas não creio que ainda estarei viva, amanhã de manhã.

FREI TIMÓTEO – Não duvides, minha filha. Rezarei a Deus por ti, direi a oração do arcanjo Rafael, para que te acompanhe. Ide em paz e preparai-vos para esse mistério, que já anoitece.

SÓSTRATA – Ficai descansado, padre.

LUCRÉCIA – Valham-me Deus e Nossa Senhora, para que não me aconteça nenhum mal!

CENA XII

Frei Timóteo, Ligúrio e messer Nícia

FREI TIMÓTEO – Ó Ligúrio, vinde cá fora!

LIGÚRIO – Então, como vão as coisas?

FREI TIMÓTEO – Vão muito bem. Elas foram para casa dispostas a fazer tudo; e não surgirão mais dificuldades, porque a mãe ficará com ela e irá pô-la ela mesma na cama.

MESSER NÍCIA – Dizeis a verdade?

FREI TIMÓTEO – Ora esta! Vejo que sarastes da surdez!

LIGÚRIO – São Clemente lhe concedeu essa graça.

FREI TIMÓTEO – Convirá, então, colocar uma imagem no seu altar e promovermos um pouco de comércio em torno dela, a fim de que eu também tenha algum lucro no caso.

MESSER NÍCIA – Não entremos em pormenores inúteis. Vamos ao que importa. Minha mulher criará alguma dificuldade em fazer o que eu quero?

FREI TIMÓTEO – Já vos disse que não.

MESSER NÍCIA – Sou o homem mais feliz deste mundo.

FREI TIMÓTEO – Pudera! Ganhareis um filho varão; e pior para quem não o tem!

LIGÚRIO – Ide às vossas orações, frade, e, se precisarmos de mais alguma coisa, viremos falar convosco. Vós, messere, ide ter com a vossa esposa, para sustenta-la nessa resolução, enquanto eu procurarei mestre Calímaco, para que vos mande a poção; e, a uma hora, farei com que eu vos torne a ver, para dispormos o que se há de fazer às quatro.

MESSER NÍCIA – Dizes bem, adeus!

FREI TIMÓTEO – Ide em paz!

CANÇÃO (*após o Ato III*)

Tão suave é o engano
levado ao fim tão almejado e caro,
que bane a alheia angústia
e doce faz todo o sabor amargo.
Oh, remédio alto e raro,
que o bom caminho aponta à alma errante!
Com teu grande valor,
Tornando outrem feliz, brindas o amor
e vences, só co'os teus conselhos santos,
pedras, veneno e encantos.

ATO IV **CENA I**

CALÍMACO – Bem gostaria de saber o que andou fazendo essa gente. Será que não reverei Ligúrio? E não são apenas vinte e três, mas já vinte e quatro horas! Em que angústia d'alma estive e estou! E é verdade que o fado e a natureza mantêm sempre em equilíbrio as contas do balanço: nunca nos fazem um bem que, de encontro, não surja um mal. Quanto mais cresceu minha esperança, tanto mais aumentou o meu medo. Coitado de mim! Será possível que deva viver em tamanha aflição, atribulado por estes temores e esperanças? Sou como uma nau açoitada por dois ventos contrários, que tanto mais teme, quanto mais se acha próxima do porto. A patetice de messer Nícia induz-me a esperar, a prudência e a dureza de Lucrecia me fazem temer. Ai de mim, que não encontro paz em parte alguma! Procuo, por momentos, dominar-me, repreendendo-me do meu furor e dizendo a mim mesmo: “Que fazes? Enlouqueceste? E, ainda que a consigas, que será de ti? Reconhecerás o teu erro, ficarás arrependido das fadigas e apoquentações que tiveste. Não sabe quão pouco bem se encontra nas coisas que o homem deseja, em comparação com o que o homem supôs encontrar nelas? Por outro lado, o pior que te pode acontecer é morrer e ir para o inferno. Mas já morreu tanta gente! E estão no inferno tantos homens de bem! Deverás, porventura, envergonhar-te de lá ires também? Arrosta o destino; fuge o mal, mas, se não podes fugi-lo, suporta-o como homem; não te prosternes, não te acovardes como uma mulher”. E, assim, levanto o meu ânimo, mas apenas por pouco tempo, porque logo, de todos os lados, me acomete tamanho desejo de possuí-la ao menos uma vez, que me sinto todo transtornado: as pernas me tremem, as vísceras comovem-se, o coração me salta do peito, caem-me os braços, a língua emudece, os olhos se me ofuscam, o cérebro me anda à roda. Contudo, se encontrasse Ligúrio, teria, ao menos, alguém com quem desabafar. Mas ei-lo vindo

rápido na minha direção. O seu relato fará com que eu ainda viva por um pouco ou que morra de uma vez.

CENA II

Ligúrio e Calímaco

LIGÚRIO – Nunca desejei tanto encontrar Calímaco e nunca me custou tanto encontrá-lo. Se lhe trouxesse más notícias, já o teria encontrado. Estive em casa, na praça, no mercado, no Pancone dos Spini, na Loggia dos Tornaquinci,* e não o achei. Esses apaixonados têm azougue debaixo dos pés e não podem ficar parados um só momento.

CALÍMACO – Que faço, que não o chamo? Parece-me, até, que ele está alegre. Olá, Ligúrio, Ligúrio!

LIGÚRIO – Oh, Calímaco! Onde estiveste?

CALÍMACO – Que notícias me trazes?

LIGÚRIO – Muito boas.

CALÍMACO – Boas, deveras?

LIGÚRIO – Ótimas.

CALÍMACO – Lucrecia consente?

LIGÚRIO – Sim.

CALÍMACO – O frade fez o necessário?

LIGÚRIO – Fez.

CALÍMACO – Oh, frade bendito! Rezarei sempre a Deus por ele.

LIGÚRIO – Devagar! Como se Deus concedesse as graças do mal como as do bem! O frade vai querer coisa bem diferente das tuas rezas!

CALÍMACO – Que irá ele querer?

LIGÚRIO – Dinheiro!

CALÍMACO – Pois o receberá. Quanto lhe prometeste?

LIGÚRIO – Trezentos ducados.

CALÍMACO – Fizeste muito bem.

LIGÚRIO – O doutor desembolsou vinte e cinco.

CALÍMACO – Como?

LIGÚRIO – É suficiente saberes que os desembolsou.

CALÍMACO – E que fez a mãe de Lucrecia?

LIGÚRIO – Quase tudo. Quando ouviu que a filha tinha um modo de passar esta boa noite sem pecado, não parou de rogar, mandar, confortar Lucrecia, enquanto não a levasse a falar com o frade; e, depois, procedeu de tal maneira, que ela consentiu.

CALÍMACO – Oh, meu Deus! Por quais méritos meus deverei receber tantos benefícios? Ainda morro de contentamento.

LIGÚRIO – Mas que espécie de gente é essa? Ora de contentamento, ora de dor, esse aí quer morrer a todo o transe. Já preparaste a poção?

CALÍMACO – Já, sim.

LIGÚRIO – Que vais mandar-lhe?

CALÍMACO – Um copo de hipocraz, que é próprio para restaurar o estômago e alegrar o cérebro... Ai de mim, ai de mim, ai de mim! Sou um homem morto!

LIGÚRIO – Que foi? Que houve?

CALÍMACO – Qual, não há remédio!

LIGÚRIO – Que diabo aconteceu?

CALÍMACO – Demos com os burros n'água e estou num beco sem saída.

LIGÚRIO – Por quê? Fala de uma vez! Tira as mãos do rosto.

CALÍMACO – Não te lembras de que eu disse a messer Nícia que eu, tu, ele e Siro iríamos agarrar um indivíduo qualquer, para pô-lo no leito da esposa?

LIGÚRIO – E que isso nos importa?

CALÍMACO – Como, que nos importa? Se eu estiver convosco, não poderei ser o tal que será agarrado; e, se não estiver, ele perceberá o engano.

LIGÚRIO – É verdade. Mas não haverá remédio?

CALÍMACO – Creio que não.

LIGÚRIO – Pois eu acho que deve haver.

CALÍMACO – E qual?

LIGÚRIO – Preciso pensar um pouco no assunto.

CALÍMACO – Bonito serviço! Estou bem arranjado, se ainda precisa pensar nele.

LIGÚRIO – Pronto, já achei.

CALÍMACO – Que faremos, então?

LIGÚRIO – Farei com que o frade, que nos auxiliou até aqui, se encarregue também do resto.

CALÍMACO – De que modo?

LIGÚRIO – temos de disfarçar-nos todos, não é assim? Pois farei disfarçar-se também o frade: imitará a tua voz, o rosto, o traje; direi ao doutor que és tu e ele acreditará.

CALÍMACO – A idéia é boa. Mas que farei eu?

LIGÚRIO – Penso que deverás pôr uma capinha em cima da roupa e, segurando um alaúde, vir andando dali, do canto da sua casa, cantando uma canção.

CALÍMACO – Com o rosto descoberto?

LIGÚRIO – Sim, porque, se usasses máscara, ele entraria em suspeita.

CALÍMACO – Irá reconhecer-me.

LIGÚRIO – Não, porque quero que entortes o rosto, que abras, adelgaces ou arreganhes a boca e feches um olho. Experimenta.

CALÍMACO – Assim?

LIGÚRIO – Não.

CALÍMACO – Assim?

LIGÚRIO – Não basta.

CALÍMACO – Desta maneira?

LIGÚRIO – Sim, sim. Guarda isso bem na mente. Tenho em casa um nariz postiço; quero que o grudes no teu.

CALÍMACO – Está bem. Mas que acontecerá, depois?

LIGÚRIO – Assim que apareceres na esquina, nós, que já lá estaremos, trataremos de arrancar-te o alaúde das mãos e de agarrar-te; e, depois de fazer-te rodar sobre ti mesmo, te levaremos para casa e te poremos na cama. Ao resto, deverás prover sozinho!

CALÍMACO – A questão toda é chegar até lá!

LIGÚRIO – Chegarás. Mas, fazer com que possas lá voltar, cabe a ti e não a nós.

CALÍMACO – Como?

LIGÚRIO – Tudo depende de que a conquistes esta noite e, antes de ir embora, revelando-lhe quem és, lhe descubras o embuste, lhe mostres o amor que tens por ela, lhe diga todo o bem que lhe queres, demonstrando-lhe como pode, sem infâmia, tornar-se tua amiga ou, com grande infâmia, tua inimiga. É impossível que ela não concorde contigo e que queira que esta noite seja a única.

CALÍMACO – Acreditas nisso, realmente?

LIGÚRIO – Tenho certeza. Mas não percamos mais tempo: já são duas horas. Chama Siro, manda a poção a messer Nícia e espera por mim em casa. Irei à procura do frade e o farei disfarçar-se. Depois, o conduziremos aqui e faremos o que ainda falta.

CALÍMACO – Dizes bem. Vai depressa!

CENA III

Calímaco e Siro

CALÍMACO – Olá, Siro.

SIRO – Meu senhor!

CALÍMACO – Vem cá!

SIRO – Aqui estou.

CALÍMACO – Apanha aquele copo de prata, que está dentro do armário do quarto, cobre-o com um paninho e traze-o aqui; mas toma cuidado em não entorná-lo no caminho.

SIRO – Vou já, sim senhor.

CALÍMACO – Esse está comigo há dez anos e sempre me serviu fielmente. Penso que, também desta vez, poderei contar com ele; e, se, bem que não lhe explicasse o embuste, certamente o fareja, pois é bem ladino e vejo que se vai acomodando às circunstâncias.

SIRO – Aqui está o copo.

CALÍMACO – Muito bem. Vai à casa de messer Nícia e dize-lhe que este é o remédio que a esposa deverá tomar, logo depois da ceia e, quanto mais cedo, tanto melhor. Dize-lhe, mais, que nós estaremos na esquina à hora aprazada e que ele trate de estar lá também. Vai depressa.

SIRO – Imediatamente.

CALÍMACO – Escuta. Se ele quiser que os esperes, espera-o e vem ter aqui junto com ele; se não quiser, volta imediatamente, depois de entregar-lhe o copo e dar-lhe o meu recado.

SIRO – Sim, meu senhor.

CENA IV

CALÍMACO – Espero que Ligúrio volte com o frade; quem diz que esperar é coisa dura, diz a verdade. Perco dez libras de peso, a cada hora que passa, ao pensar onde estou agora e onde poderei estar dentro de duas horas e tolhido pelo medo de que não surja alguma novidade que transtorne o meu plano. Porque, se surgir, esta será a derradeira hora da minha vida, pois ou me atirarei ao Arno ou me enforcarei ou me lançarei de uma janela ou me transpassarei com uma faca diante da porta da sua casa. Farei qualquer coisa para não mais viver. Mas é Ligúrio quem vejo ali? Sim, é ele e traz consigo alguém que parece corcunda e coxo. Deve ser, certamente, o frade disfarçado. Oh, frades! Quem conhece um, conhece-os todos. Mas quem será esse outro que se acercou deles? Parece-me Siro, que já terá dado o recado ao doutor. É ele mesmo. Vou esperá-los aqui, para combinar-me com eles.

CENA V

Siro, Ligúrio, frei Timóteo, disfarçado, e Calímaco

SIRO – Quem é esse que está contigo, Ligúrio?

LIGÚRIO – Um homem de bem.

SIRO – É coxo ou está fingindo?

LIGÚRIO – Não é da tua conta.

SIRO – Oh! Tem o rosto de satanás!

LIGÚRIO – Cala-te, sim? Que já nos aborreceste! Onde está Calímaco?

CALÍMACO – Aqui me tendes. Sede bem-vindos!

LIGÚRIO – Ó Calímaco, repreende este néscio de Siro; já disse mil disparates.

CALÍMACO – Ouve-me, Siro: hoje à noite, deverás obedecer a tudo o que te disser Ligúrio e fazer de conta, quando ele te der uma ordem, que fui eu quem a deu. E, daquilo que vires ou ouvires, deverás guardar segredo, na medida em que estimes haveres e honra, a minha vida e o teu interesse.

SIRO – Assim farei.

CALÍMACO – Entregaste o copo ao doutor?

SIRO – Sim, senhor.

CALÍMACO – Que disse ele?

SIRO – Disse que, agora, proverá, tudo.

FREI TIMÓTEO – É esse aí Calímaco?

CALÍMACO – Sim, sou eu, um vosso criado. Podereis dispor de mim e dos meus bens, como se fossem coisa vossa.

FREI TIMÓTEO – Já me foi dito e o creio; e entrei a fazer por ti o que não teria feito por nenhum outro homem deste mundo.

CALÍMACO – Não será trabalho perdido.

FREI TIMÓTEO – Basta-me que me queiras bem.

LIGÚRIO – Deixemo-nos de cerimônias. Eu e Siro iremos disfarçar-nos. Tu, Calímaco, vem conosco, para poderes depois, tratar da tua vida. O frade esperará por nós aqui. Voltaremos sem demora e iremos ter com messer Nícia.

CALÍMACO – Dizes bem. Vamos.

FREI TIMÓTEO – Fico à vossa espera.

CENA VI

FREI TIMÓTEO – Falam a verdade os que dizem que as más companhias levam o homem à força. E, a miúdo, acaba uma pessoa saindo-se mal, quer por ser demasiado complacente e bondosa, quer por ser demasiado malvada. Sabe Deus que eu não pensava em causar mal a ninguém. Estava na minha cela, rezava o meu ofício, cuidava dos meus devotos. Surgiu-me pela frente esse diabo de Ligúrio, que me fez molhar o dedo num erro, onde acabei por mergulhar o braço e o corpo todo, sem que ainda saiba aonde irei parar. Consolo-me, todavia, pensando que, quando uma coisa a muitos importa, muitos são os que devem cuidar dela. Mas eis Ligúrio e o criado de volta.

CENA VII

Frei Timóteo, Ligúrio e Siro

FREI TIMÓTEO – Ainda bem que estais de volta!

LIGÚRIO – Que tal vos parece o nosso disfarce?

FREI TIMÓTEO – Ótimo.

LIGÚRIO – Falta apenas o doutor. Vamos na direção da sua casa. Já são mais de três horas. Vamos!

SIRO – Quem será que está abrindo a porta da casa? O criado?

LIGÚRIO – Não, é ele. Ah, ah, ah, ah!

SIRO – Estás rindo?

LIGÚRIO – Quem não haveria de rir? O homem envergou um garnachim, que nem chega a cobrir-lhe o cu. E que diabo pôs na cabeça? Parece-me uma dessas peliças de cônego; e, por baixo, traz um espadim. Ah, ah! Resmunga não sei o quê. Afastemo-nos um pouco; certamente, ouviremos alguma nova desgraça da esposa.

CENA VIII

MESSER NÍCIA – Quantos melindres tem essa louca de minha mulher! Mandou a criada para casa da sua mãe e o servidor para fora da cidade. Disto eu a louvo; mas já não louvo de que, antes de decidir-se a ir para a cama, se abespinhasse tanto: “Não quero... Como hei de fazer?... Que pretendeis que eu faça?... Ai de mim, minha mãe!...” E, se não fosse a mãe passar-lhe uma sarabanda, não entrava na cama nem à mão de Deus Padre! Maus raios a partam! Gosto de ver as mulheres suscetíveis, mas não até esse ponto! Quase nos pôs louco, esse miolo de gata! E a quem dissesse: “Seja enforcada a mulher mais avisada de Florença!”, ela diria: “Que te fiz eu?...” Eu sei que, agora, a coisa vai entrar no devido lugar e que, antes de retirar-me do jogo, poderei dizer que vi tudo com os meus próprios olhos.* Mas como estou bem, neste disfarce! Quem iria reconhecer-me? Pareço mais alto, mais jovem, mais esbelto. Não haveria mulher que não me quisesse na cama de graça. Mas onde estão os outros?

CENA IX

Ligúrio, messer Nícia, frei Timóteo e Siro

LIGÚRIO – Boa noite, messere!

MESSER NÍCIA – Eh! Eh! Eh!

LIGÚRIO – Não tenhais medo, somos nós.

MESSER NÍCIA – Ah! Aqui estais todos! Se não vos reconhecesse logo, teríeis recebido, com esta lâmina, a estocada mais direta que eu soubesse! Tu és Ligúrio? E tu, Siro? E esse outro o mestre? Ah!

LIGÚRIO – Sim, senhor.

MESSER NÍCIA – Afasta-te! Oh, disfarçou-se tão bem, que não o reconheceria o demo!

LIGÚRIO – Mandei-lhe pôr duas nozes na boca, para que não o reconheçam pela voz.

MESSER NÍCIA – És um asno.

LIGÚRIO – Por quê?

MESSER NÍCIA – Porque não me disseste isto mais cedo? Eu também teria posto duas, pois sabes como é importante não ser reconhecido pela fala!

LIGÚRIO – Tomai, ponde na boca isto.

MESSER NÍCIA – Que vem a ser?

LIGÚRIO – Uma bola de cera.

MESSER NÍCIA – Dá cá... Ca, pu, ca, co, cu, cu, cus... Que te arrebente o diabo, patife!

LIGÚRIO – Perdoai-me se vos dei uma bola trocada; foi sem querer.

MESSER NÍCIA – Ca, ca, pu, pu... De que, de que, de que era?

LIGÚRIO – De aloés.

MESSER NÍCIA – Em má hora, desgraçado! Cus, cus!... Mestre, não dizeis nada?

FREI TIMÓTEO – Ligúrio me encolerizou.

MESSER NÍCIA – Oh, como disfarçais bem a voz!

LIGÚRIO – Não percamos mais tempo. Quero ser o capitão e ordenar o exército para a jornada. No corno direito, coloque-se Calímaco, no esquerdo, ficarei eu, e, entre os dois cornos, tome posição o doutor. Siro permanecerá na retaguarda, para levar reforço ao lado que fraquejar. E o santo e senha seja São Cocu.

MESSER NÍCIA – Que é São Cocu?

LIGÚRIO – É o santo mais venerado que há na França. Vamos, preparemos a emboscada nesta esquina. Escutai: ouço o som de um alaúde.

MESSER NÍCIA – Sim, é um alaúde. Que vamos fazer?

LIGÚRIO – Deve mandar-se à frente um batedor, para descobrir quem é; e, conforme o que ele nos relatar, assim procederemos.

MESSER NÍCIA – Quem irá?

LIGÚRIO – Vai tu, Siro. Sabes o que deves fazer. Considera, examina, volta logo e refere.

SIRO – Vou já.

MESSER NÍCIA – Eu não desejaria que gastássemos cera com defunto ruim, agarrando algum velhote débil ou enfermiço, e tivesse este jogo de recomeçar amanhã à noite.

LIGÚRIO – Não tenhais esse receio. Siro é homem sabido. Ei-lo de volta. Que tal o achas, Siro?

SIRO – É o malandro mais guapo que jamais vísseis! Não terá vinte e cinco anos de idade e vem por aí sozinho, com uma capinha em cima, tocando um alaúde.

MESSER NÍCIA – Está a calhar, se dizes a verdade. Mas vê lá se te enganas, que te custaria muito caro!

SIRO – É como disse.

LIGÚRIO – Esperemos que dobre a esquina e logo lhe saltaremos em cima.

MESSER NÍCIA – Chegai para cá, mestre; pareceis-me um homem de pau. Ei-lo.

CALÍMACO – Ir contigo p’ra cama possa o demo, já que não me é possível ir lá eu!

LIGÚRIO – Cala a boca, tratante. E dá cá esse alaúde.

CALÍMACO – Ai de mim! Que mal fiz eu?

MESSER NÍCIA – Já vais sabê-lo. Cobre-lhe a cabeça, põe-lhe a mordança!

LIGÚRIO – Fá-lo rodar!

MESSER NÍCIA – Dai-lhe outra volta! Mais uma! Empurrai-o para dentro de casa!

FREI TIMÓTEO – Messer Nícia, eu irei repousar, pois morro de dor de cabeça. E, de não for preciso, amanhã de manhã não voltarei.

MESSER NÍCIA – Pois não, mestre, não volteis; saberemos arranjar-nos sozinhos.

CENA IX

FREI TIMÓTEO – Encafurnaram-se em casa e eu irei para o convento. E vós espectadores, não nos censureis, porque, esta noite, não dormirá ninguém, já que os atos não são interrompidos pelo tempo. Quanto a mim, rezarei o ofício. Ligúrio e Siro tomarão sua ceia, que nada ainda comeram hoje, e o doutor irá do quarto para a sala, a fim de que não se lhe entorne o caldo. Calímaco e a senhora Lucrecia não dormirão, porque bem sei, se eu fosse ele e vós fôsseis ela, que nós não dormiríamos.

CANÇÃO (*após o Ato IV*)

Ó doce noite, ó santas,
calmas horas noturnas,
que velais os amantes ansiosos!
Unem-se em vós tamanhas
ledices, que outra fonte
não conhecem as almas venturosas.
Vós, justo prêmio dando
às amorosas tropas
pelas longas fadigas,
fazeis, horas ditosas,

todo o peito de gelo arder de amor!

ATO V CENA I

FREI TIMÓTEO – Esta noite não pude pregar o olho, tamanho é o meu desejo de saber como Calímaco e os outros se saíram na empresa. E tratei de ocupar o tempo em várias coisas: rezei as matinas, li uma vida dos Santos Padres, fui à igreja, onde acendi uma lâmpada que se apagara, mudei um véu numa Virgem milagrosa. Quantas vezes eu não disse a esses frades que a conservassem limpa! Admiram-se, depois, de que falta devoção. Eu me lembro de que já houve diante dela, quinhentas imagens pelas graças alcançadas e, hoje, não haverá vinte. A culpa é nossa, que não soubemos manter-lhe a reputação. Costumávamos ir lá em procissão, todas as noites, depois das completas, e, todos os sábados mandávamos cantar-lhe as laudes. Era a ela que sempre fazíamos promessas para que em seu altar se vissem imagens novas; e, nas confissões exortávamos homens e mulheres a se lhe voltarem. Hoje, não se faz mais nada disso; e ainda nos estranha que as coisas andem túbias! Oh, como são duros da moleira estes meus frades! Mas ouço um grande alarido vir da casa de messer Nícia. Ei-los, à fé; fazem sair o preso. Demoraram-se até o último momento: já está, justamente raiando o dia. Quero ficar aqui, sem ser visto, e ouvir o que dizem.

CENA II

Messer Nícia, Calímaco, Ligúrio e Siro

MESSER NÍCIA – Agarra-o desse lado, que eu o agarro deste; e tu, Siro, segura-o por detrás, pela capa.

CALÍMACO – Não me maltrateis!

LIGÚRIO – Não tenhas medo, podes ir embora.

MESSER NÍCIA – É melhor não irmos mais adiante.

LIGÚRIO – Tendes razão. Soltemo-lo aqui mesmo. Mas, antes, vamos fazer-lhe dar um par de reviravoltas, para que não saiba de onde saiu, Fá-lo rodar, Siro!

SIRO – Pronto!

MESSER NÍCIA – Vira-o outra vez!

SIRO – Cá está.

CALÍMACO – O meu alaúde!

LIGÚRIO – Vai te embora, tratante, some-te daqui! E, se te ouço dizer uma só palavra, corto-te o pescoço!

MESSER NÍCIA – Deu às pernas. Vamos despir este disfarce. E convirá que saíamos todos bem cedo de casa, para que não pareça que passamos a noite em claro.

LIGÚRIO – Tendes razão.

MESSER NÍCIA – Tu e Siro ide ter com mestre Calímaco e referi-lhe que tudo saiu a contento.

LIGÚRIO – Que poderemos dizer-lhe? Nós não sabemos nada. Deveis estar lembrado de que, tão cedo chegamos à vossa casa, fomos para a adega, beber. Vós e a sogra tomastes conta dele e não vos tornamos a ver senão agora, quando nos chamastes para mandá-lo embora.

MESSER NÍCIA – É verdade. Oh, Quanta coisa bonita tenho para contar-vos! Minha mulher estava na cama, no escuro. Sóstrata esperava por mim junto do fogo. Cheguei com o maroto e, por via das dúvidas, levei-o para uma despensa, que dá para a sala, onde uma frouxa lâmpada lançava alguma claridade, de modo que ele não podia ver o meu rosto.

LIGÚRIO – Procedestes sabiamente.

MESSER NÍCIA – Mandei que se despisse e ele não se dava por achado; voltei-me, então, para ele, furioso como um cão de tal maneira que lhe pareceu mil anos o tempo de tirar a roupa e ficar nu. De rosto, era feio. Tinha um narigão e a boca torta; mas nunca vi carnes tão lindas! Branquinho, macio, polpudo! E não me perguntes pelo resto.

LIGÚRIO – É melhor não falar nisso, pois era preciso examina-lo todo.

MESSER NÍCIA – Queres zombar de mim? Já que estava com a mão na massa, quis ver o fundo à canastra; e, depois, verificar se ele era são. Se tivesse as pústulas, que seria de mim, agora? Estaria bem arranjado.

LIGÚRIO – Vós é que estais com a razão.

MESSER NÍCIA – Como visse que era sadio, arrastei-o para o quarto e, no escuro meti-o na cama. Mas antes de afastar-me, quis ter prova palpável de como estava a coisa, porque não costumo comprar nabos em saco.

LIGÚRIO – Com quanta prudência vos governastes nesse caso!

MESSER NÍCIA – Depois de tocar e ver tudo, saí do quarto, fechei a porta, fui ter com minha sogra, que ficara perto do fogo, e passamos a noite toda conversando.

LIGÚRIO – De que conversastes?

MESSER NÍCIA – Da tolice de Lucrecia e de como fora melhor que, deixando-se de tantas histórias, tivesse cedido logo. Depois, falamos do menino, que já me parece tê-lo nos braços, o meu pequerrucho, até que ouvi bater três horas. Temendo que o dia chegasse, fui para o quarto. Que diríeis, hein? Não conseguia mais arrancar o velhaco de lá!

LIGÚRIO – Acredito.

MESSER NÍCIA – Soubera-lhe bem o petisco! Contudo, levantou-se, eu vos chamei e o trouxemos para fora.

LIGÚRIO – Enfim, tudo correu bem.

MESSER NÍCIA – Pois acredita que lastimo.

LIGÚRIO – O quê?

MESSER NÍCIA – Esse pobre rapaz: que tenha que morrer tão cedo e que esta noite lhe deva custar tão caro.

LIGÚRIO – Vê-se que não tendes mais nada em que pensar! Deixai esse cuidado a ele.

MESSER NÍCIA – Falas a verdade. Não vejo a hora de encontrar mestre Calímaco, para regozijar-me com ele.

LIGÚRIO – Dentro de uma hora, sairá de casa. Mas já é dia claro. Nós iremos despir os disfarces. Vós, que fareis?

MESSER NÍCIA – Também irei para casa, pôr uma roupa decente. Mandarei minha mulher levantar-se e lavar-se e a farei ir à igreja, para a purificação. Gostaria de que vós e Calímaco lá estivésseis também e falássemos com o frade, para agradecer-lhe o bem que nos fez e recompensá-lo.

LIGÚRIO – Dizeis bem. É o que faremos.

CENA III

FREI TIMÓTEO – Gostei desta conversa, considerando quanta estultícia há nesse doutor; mas é a conclusão final que sobremodo me agradou. E, já que irão visitar-me, não quero demorar-me mais aqui, mas espera-los na igreja, onde poderei vender melhor o meu peixe. Mas quem está saindo de casa? Parece-me Ligúrio e, junto com ele, deve vir Calímaco. Pelos ditos motivos, não quero que me vejam; e, se acaso não forem procurar-me, sempre terei tempo de ir eu à procura deles.

CENA IV

Calímaco e Ligúrio

CALÍMACO – Como já te disse, meu Ligúrio, fiquei de maus humores até as nove horas; pois, maior que fosse o meu prazer, não me parecia bem que o tivesse. Mas, depois de me dar-lhe a conhecer e fazer-lhe compreender o amor que lhe tinha e quão facilmente, pela ingenuidade do marido, podíamos viver felizes, sem qualquer escândalo, prometi-lhe que, se algum dia Deus o chamasse para si, eu a tomaria por esposa. E tendo ela apreciado, além dessas razões, a diferença que há entre o meu possuí-la e o de Nícia e entre os beijos de um amante novo e os de um marido velho,

disse, após alguns suspiros: “Já que a tua astúcia, a tolice de meu marido, a ingenuidade de minha mãe e a maldade do meu confessor me levaram a fazer aquilo que, sozinha, nunca faria, quero julgar que tudo provenha de uma disposição do céu, que assim determinasse, e não me sinto suficiente para recusar o que o céu quer que eu aceite. Portanto, eu te tomo por senhor, patrono e guia; é meu pai, meu defensor e quero que sejas todo o meu bem. E aquilo que meu marido quis por uma noite, entendo que o tenha sempre. Procurarás, por isto, tornar-te seu compadre, virás esta manhã à igreja e, dali, depois, almoçar conosco. Dependerá de ti freqüentares a nossa casa a teu talante e poderemos estar juntos a todas as horas e sem suspeitas”. Ao ouvir tais palavras, estive a pique de morrer de ventura. Não pude responder nem a mínima parte de tudo que desejava. Agora, sou o homem mais contente e feliz deste mundo; e não tivesse essa felicidade de cessar por obra da morte ou do tempo, eu seria mais bem-aventurado que os bem-aventurados, mais santo que os santos.

LIGÚRIO – De todo o teu bem eu folgo; e aconteceu, justamente, o que te disse. Mas que faremos, agora?

CALÍMACO – Vamos à igreja, pois prometi-lhe estar lá, aonde ela irá com a mãe e com o doutor.

LIGÚRIO – Ouço a porta da sua casa bater: são elas que estão saindo e segue-as o doutor.

CALÍMACO – Encaminhemo-nos para a igreja e lá os ficaremos aguardando.

CENA V

Messer Nícia, Lucrecia e Sóstrata

MESSER NÍCIA – Eu creio, Lucrecia, que convém fazer as coisas com temor a Deus e não à estouvada.

LUCRÉCIA – Que há de se fazer, então?

MESSER NÍCIA – Olha só como responde! Parece um frangote!

SÓSTRATA – Não vos espanteis, está um pouco alvoroçada.

LUCRÉCIA – Que entendeis dizer?

MESSER NÍCIA – Digo que é bom eu ir adiante falar com o frade e dizer-lhe que venha ao teu encontro na porta da igreja, para a purificação, porque, na verdade, hoje de manhã, é como de tu renascesses.

LUCRÉCIA – E por que não ides de uma vez?

MESSER NÍCIA – Estás muito atrevida, hoje de manhã! Ontem à noite, parecia que ias morrer.

LUCRÉCIA – É tudo graças a vós.

SÓSTRATA – Ide à procura do frade. Mas não é preciso: já está saindo da igreja.

MESSER NÍCIA – É verdade.

CENA VI

Frei Timóteo, messer Nícia, Lucrecia, Calímaco, Ligúrio e Sóstrata

FREI TIMÓTEO – Estou saindo, porque Calímaco e Ligúrio me disseram que o doutor e as mulheres vinham à igreja.

MESSER NÍCIA – Bona dies, padre!

FREI TIMÓTEO – Sede bem-vindas e que Deus vos conceda a graça, senhora Lucrecia, de um lindo filho varão!

LUCRÉCIA – Deus o queira!

FREI TIMÓTEO – Podeis estar certa de que há de querer.

MESSER NÍCIA – Mas são Ligúrio e mestre Calímaco, que vejo dentro da igreja?

FREI TIMÓTEO – Sim, messere.

MESSER NÍCIA – Chamai-os.

FREI TIMÓTEO – Chegai aqui!

CALÍMACO – Deus vos salve!

MESSER NÍCIA – Mestre, tocai a mão, aqui, da minha esposa.

CALÍMACO – Com prazer.

MESSER NÍCIA – Este é o homem, Lucrecia, graças ao qual teremos um bordão onde arrimar a nossa velhice.

LUCRÉCIA – Muito grata vos fico; e desejo que sejais nosso compadre.

MESSER NÍCIA – Deus te abençoe, mulher! E quero que ele e Ligúrio venham almoçar conosco.

LUCRÉCIA – Isso nem se discute.

MESSER NÍCIA – Quero dar-lhe a chave do quarto ao rés do chão, que dá para o átrio, a fim de que possam voltar lá sempre que queiram, pois não têm mulher em casa e vivem como bichos.

CALÍMACO – Aceito-a, para usa-la quando se apresentar a ocasião.

FREI TIMÓTEO – Mas não tenho de receber o dinheiro para as esmolas?

MESSER NÍCIA – Bem sabeis, domine, que ainda hoje o recebereis.

LIGÚRIO – E de Siro, ninguém se lembra?

MESSER NÍCIA – Que peça o que deseja; tudo o que tenho pertence-lhe. Tu, Lucrecia, quantos “grossos” deves dar ao frade pela purificação?

LUCRÉCIA – Não me lembro.

MESSER NÍCIA – Mas quantos, afinal?

LUCRÉCIA – Dai-lhe dez.

MESSER NÍCIA – Com a breca!

FREI TIMÓTEO – Vós, senhora Sóstrata, ao que me parece, criastes alma nova.

SÓSTRATA – Quem não estaria alegre?

FREI TIMÓTEO – vamos todos para a igreja, onde rezaremos o ordinário da missa. Mais tarde, depois do ofício, ireis almoçar a vosso prazer. E vós, espectadores, não esperéis que tornemos a sair: o ofício é longo, eu ficarei na igreja e eles irão para casa saindo pela porta lateral. Valete!

**CAI O PANO
FIM**

www.desvendandoteatro.com

